



**ESPAÇO PÚBLICO E CULTURA LOCAL NA CIDADE
CONTEMPORÂNEA: UM BREVE OLHAR SOBRE OS ESPAÇOS DE
ARTE E CULTURA NA CIDADE DE SANTO ANTÔNIO DE JESUS/BA**

Rafael Luiz Albuquerque Vieira
UNEB
rafaellav1993@hotmail.com

Hanilton Ribeiro de Souza

RESUMO:

A discussão que envolve a vida social e os novos padrões de comportamentos na cidade torna-se, na atualidade, fundamental para a compreensão da importância do espaço público, à medida que uma nova sociedade demanda novas formas de ordenamento territorial. Nesse sentido, o desenvolvimento cultural do lugaré o artifício pelo qual os grupos locais, interagindo com o poder público, procuram assegurar a sua cidadania cultural (acesso, criação, informação e participação), difundindo assim valores sustentáveis e democráticos, ampliando o sentido de identidade e pertencimento com o lugar. Dessa forma, a valorização da cultura local, inserida no cotidiano da cidade e no imaginário social pode propiciar o fortalecimento das identidades culturais do lugar, constituindo-se, assim, em pontos-chaves para a criação e/ou ampliação, na cidade, de espaços públicosmais democráticos e propícios à diversidade cultural. Nessa perspectiva, este trabalho, iniciado na pesquisa de Iniciação Científica (FAPESB/UNEB), pretende discutir a importância dos espaços públicos de Santo Antônio de Jesus/BA para a promoção, apoio, incentivo e manutenção das atividadesartísticas e culturais locais, bem como para novas formas de viver e se apropriar do espaço urbano na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; Cultura; Espaço Público; Cidade; Identidade.

INTRODUÇÃO

[...] A roda da saia, a mulata. Não quer mais rodar, não senhor. Não posso fazer serenata. A roda de samba acabou. A gente toma a iniciativa. Viola na rua, a cantar. Mas eis que chega a roda-viva E carrega a viola pra lá. Roda mundo, roda-gigante. Rodamoinho, roda pião. O tempo rodou num instante. Nas voltas do meu coração (CHICO BUARQUE – RODA VIVA).



Na música Roda Viva, Chico Buarque enfatiza o sentimento de impotência, relacionado a um período de opressões e censura. Se observar o nome Roda Viva e lê-lo ao contrário, seria: A Viva Dor. Esse sentimento do autor pode ser relacionado à arte e à política, ou seja, o desejo por mais liberdade e valorização, especialmente a cultura popular.

O estudo sobre cultura é vasto e contínuo, à medida que as culturas humanas estão constantemente variando e em variedades. Falar de cultura significa representar a humanidade em toda a sua complexidade, multiplicidade e existência. Sendo a cultura expressada de diferentes contextos, em diferentes formas e por distintos grupos humanos, que vão compor um mosaico de variações e diversidades culturais.

Contribui nesse sentido, o conceito de diversidade cultural trabalhado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), pois admite a diferença cultural e estabelece o respeito e a convivência harmoniosa com culturas diferentes. Além de garantir ações e políticas que visem uma relação de fortalecimento e autonomia das identidades culturais.

Para Santos (2006) cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos. O autor ainda aponta para a reflexão e discussão sobre cultura, de modo que a noção desta possa ser essencial para pensar sobre a nossa própria realidade social. Sendo dessa forma, o estudo da cultura, uma maneira mais completa e estratégica de pensar nossa sociedade. Contudo, essa seria uma forma de significar e entender a cultura, pois, como comenta Santos (2006), por cultura se entende muita coisa. O autor também justifica a sua forma de trabalhar cultura como uma forma genérica e mais aceita, mas que a sua definição pode aparecer em diferentes sentidos comuns, que são logicamente os mais empregados.

Vejamos alguns desses sentidos comuns. Cultura está muito associada a estudo, educação, formação escolar. Por vezes se fala de cultura para se referir unicamente às manifestações artísticas, como o teatro, a música, a pintura, a escultura. Outras vezes, ao se falar na cultura da nossa época ela é quase que identificada com os meios de



comunicação de massa, tais como o rádio, o cinema, a televisão. Ou então cultura diz respeito às festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, ou a seu modo de se vestir, à sua comida, a seu idioma. A lista pode ser ampliada (SANTOS, 2006, p. 21).

Uma forma de cultura, em especial, a de apropriação do espaço público está em “xeque” na contemporaneidade. Importante perceber nesse sentido que uma série de equipamentos e serviços estão cada vez mais difundidos na vida social dos cidadãos, principalmente àqueles referentes aos aparelhos tecnológicos portáteis, como *Smartphones e tablets*. O problema, é que estes são estabelecidos como essenciais para o seu modo e padrão de vida. Sobre esse tipo de aparelhamento da vida social, Santos (1987), destaca que o que se percebe em lugar do cidadão é o surgimento do consumidor insatisfeito, dependente dos novos objetos, limitado em sua individualidade e principalmente, dissociado da socialização interpessoal, orientando-se para relações onde o contato e a comunicação são intermediados por objetos.

Como aborda Gomes (2002, p.185) “o mundo chega até nós sem que precisemos sair de casa”. Isso se reflete, principalmente, na vida das camadas sociais de maior poder aquisitivo, como a classe alta, a média e a média emergente, pois estas utilizam de seu maior poder de compra, para ter maior praticidade, acesso aos bens culturais e privacidade. Essa lógica de individualização dos espaços e de praticidade do consumo abrange desde o lazer, as necessidades de abastecimento até a comunicação social. Segundo Gomes (2002) a consequência básica desse processo no contexto das cidades brasileiras é a vivência cada vez menor dos espaços da cidade:

O uso da via pública se restringe progressivamente ao seu valor instrumental primário, a circulação. Saímos cada vez menos e quando fazemos, em geral por absoluta necessidade, devemos usar um automóvel, que nos levará a um lugar preciso, onde, habitualmente, reproduz-se a ideia de confinamento e de segurança. Este parece ser a explicação pela qual os grandes *shoppings centers* estão continuamente cheios, ocupados sobre tudo por adolescentes [...] Os edifícios, onde habitam as classes médias e altas, são fechados, gradeados e vigiados; possuem às vezes o que se costuma chamar de infraestrutura: piscina, sala de ginástica e *playground* (GOMES, 2002, p. 183).



Dessa forma, os padrões e o modo de vida na cidade vão desencadeando no abandono dos espaços públicos. Para Gomes (2002), hoje, no Brasil, a ideia de coisa pública se confunde, em grande medida, com algo de baixa qualidade ou de uso exclusivo das camadas populares. E quando se trata de espaço de livre acesso, mesmo para a camada popular, o espaço se torna estratégia comercial para essa população, afastando mais ainda do sentido de apropriação, que Serpa (2007) acredita incluir o afetivo, o imaginário, o sonho, o corpo e o prazer.

Um cuidado que deve-se ter para compreender a noção de espaço público é relevante ao momento histórico e o contexto urbano em que esse se enquadra. Sobarzo (2003), nesse sentido, ressalta para os espaço público como local de diferentes formas de relações sociais, atentando-se, principalmente, ao sentido que as transformações urbanas vão ocorrendo e imprimindo novas características de dominação do/no espaço, e dessa forma, configurando um novo tipo de cultura apropriativa com o local. Ainda assim, mesmo com as transformações sociais e políticas que permeiam a noção de espaço público, sua compreensão física continua sendo a mesma, como apresenta Gomes:

Fisicamente o espaço público é, antes de mais nada, o lugar, praça, rua, shopping, praia, qualquer tipo de espaço, onde não haja obstáculos à possibilidade de acesso e participação de qualquer tipo de pessoa. Essa condição deve ser uma norma respeitada e revivida, a despeito de todas as diferenças e discórdias entre os inúmeros segmentos sociais que aí circulam e convivem, ou seja, as regras do convívio e do debate devem ser absolutamente respeitadas (GOMES. 2002, p 162).

A erosão do equilíbrio entre a vida pública e a vida privada destrói o pilar que sustentavam a sociedade nos primórdios do capitalismo: “caminhamos para a consagração do individualismo como modo de vida ideal em detrimento de um coletivo cada vez mais decadente” (SERPA, 2007, p. 35). Perceptível a isso está a forma pela



qual os espaços da cidade são habitados e as relações são diferentemente desenvolvidas de acordo com o padrão de classe social.

É nesse sentido que a valorização cultural local se insere no imaginário social, que por sua vez fortalece a ideia de identidades culturais, que tendem a ser pontos-chaves na busca por espaços mais democráticos e propícios à diversidade cultural. Dessa forma, pretende-se nesse trabalho perceber a importância dos espaços públicos de Santo Antônio de Jesus/BA para a sustentação das atividades artísticas locais e para a manutenção da cultura local na cidade. A produção artística nesse sentido, aparece não como simples identificador da cultura local, mas como um fator de intervenção e diálogo com a realidade local.

Como destaca o Relatório da Unesco (2001, p.4), “As artes fornecem inspiração para sua própria proteção e renovação, e podem contribuir positivamente de várias maneiras para isso”. Em especial, a arte feita coletivamente pode ir além das formas de interatividade e lazer e ser um meio de transformação social.

Se, por um lado, a arte reflui para espaços privados obedecendo cada vez mais a uma lógica de mercado, por outro, emergem práticas que desbordam as manifestações culturais dos “templos” da cultura para os espaços públicos - a rua, a praça, o metrô, o mercado - como lugares de realização artística. A arte impulsiona processos de sociabilidade no cotidiano, resgate de valores e identidades locais, solidariedade social, processos educativos e desenvolve um imaginário coletivo que possibilita ampliar o horizonte do desenvolvimento humano (SEMINÁRIO DESENVOLVER-SE COM ARTE, 1998, p. 02).

O ponto chave para a discussão sobre cultura local, independentemente da sua relação conceitual de influência com o que é de fora, o global, é a sua proposta sobre o desenvolvimento para/com as identidades culturais locais. Caberia aqui, portanto, situar o desenvolvimento como “um processo complexo, holístico e multidimensional, que vai além do crescimento econômico e integra todas as energias da comunidade [...] deve



estar fundado no desejo de cada sociedade de expressar sua profunda identidade” (UNESCO, 2001, p. 3).

Mello e Zardo (2011, p. 08) atentam para o resgate das questões locais quando o lugar volta a servir de vínculo, como essencial neste contexto de globalização. Para os autores “os conceitos de Desenvolvimento Local e Cultura estão sendo tomados, hoje, como ferramentas preciosas no processo de dinamização de ações estratégicas em âmbito político, cultural, econômico e social”. Dessa forma, o que se coloca como importante para o desenvolvimento local é a “revalorização da esfera local” principalmente em seu âmbito cultural.

É a dimensão cultural que fortalece, potencializa e pereniza valores culturais, saberes populares, códigos de relacionamento do grupo humano focalizado. Ações concebidas e implementadas com base nesse compromisso tendem a ser mais bem assimiladas pelos beneficiários e contribuem para o fortalecimento de identidades das comunidades. São numerosos os exemplos de experiências bem sucedidas de inclusão social e de promoção de alternativas sustentáveis de Desenvolvimento econômico local que se fundamentam em processos de resgate das identidades culturais. Programas de inclusão de jovens por meio da oferta de oportunidades de educação artística, muitas vezes no âmbito do folclore, ou esportiva, e programas de geração de renda, baseados na valorização de atividades artesanais, por sua vez apoiados em conhecimentos e técnicas dos mais idosos das localidades, têm logrado resultados efetivos e sustentáveis para o Desenvolvimento socialmente inclusivo e sustentável das localidades (GONÇALVES, 2005, p. 8).

O desenvolvimento cultural local é o artifício pelo qual os grupos locais, interagindo com o poder público, procuram assegurar a sua cidadania cultural (acesso, criação, participação, informação), perpetrando valores sustentáveis e ampliando o sentido de identidade e pertencimento, como destacado nos documentos do Seminário Desenvolver-se com Arte, realizado em 1998, pelo Instituto Pólis. Ainda sobre as discussões deste evento, destaca-se que “nesse processo resgatam-se de experiências, práticas, valores que dão à localidade a sua singularidade não se constituindo como



simples continuidade dos processos culturais hegemônicos ou dos valores transmitidos pela mídia” (SEMINÁRIO DESENVOLVER-SE COM ARTE, 1998, p. 2).

A APROPRIAÇÃO ARTÍSTICA/CULTURAL DO ESPAÇO URBANO DE SANTO ANTÔNIO DE JESUS.

O município de Santo Antônio de Jesus está localizado no Território de Identidade do Recôncavo da Bahia, há 187 quilômetros Salvador, capital do estado. A cidade, nas últimas décadas, passa por um rápido crescimento econômico, especialmente no setor terciário (comércio e serviços), o que tem ocasionado diversas modificações na sua composição urbana. O crescimento da população é uma delas, de acordo com o IBGE (2015), a população atual é estimada em pouco mais de 100 mil habitantes.

O município descende, historicamente, de uma aldeia de índios. Seu crescimento iniciou a partir da construção de uma capela em 1776, que atraiu muitos frequentadores para o local. Porém, só em 1852 a capela tornou-se a Igreja Matriz, e com a inauguração da estrada de ferro (Nazaré-Jequié), o comércio local foi impulsionado. Santo Antônio de Jesus foi desmembrado do município de Nazaré. Já em 1950, com a construção da rodovia BR-101 e a instalação da energia elétrica, a cidade começa a se desenvolver até se tornar atualmente a referência econômica do Recôncavo baiano.

Hoje, sua importância como centro comercial e de serviços se estende a todo Recôncavo, se consolidando como um grande polo econômico (comercial e serviços), sendo assim considerada a "Capital do Recôncavo". Além do comércio, a rede de serviços ligados à saúde e educação são referências regionais. Porém, no que diz respeito aos espaços de lazer e entretenimento, a cidade, atualmente, tem pouco a apresentar, como é destacado no relato a seguir:



[...] o cinema, as casas privadas de espetáculos, os bares, o clube e as praças, são os espaços de lazer da cidade. Sem parques, sem centro cultural em atividade, a praça, a última citada (é a única que representa um espaço propriamente público) é opção de entretenimento de grande parte da juventude da cidade (SOUZA, 2011, p. 08).

Como observa Souza (2011), as praças são representações importantes de espaços públicos, principalmente em cidades de pequeno e médio porte. Em Santo Antônio de Jesus vem ocorrendo, atualmente, uma reorganização das praças centrais da cidade. A prefeitura tem intensificado a ação de projetos de reformas de tais espaços, como a Praça Padre Matheus e a Praça do São Benedito. As obras ainda não foram concluídas, mas a partir de uma observação inicial dos projetos de reforma, percebe-se a prioridade para questões fora da expressividade da cultura popular, como no caso de espaços prioritários para estacionamento e quiosques. Evidentemente, um predomínio das questões econômicas sobre as culturais (artísticas) e até ambientais, já que várias espécies de árvores foram retiradas para dar lugar a tais empreendimentos.

Essa preocupação em relação às praças públicas é crucial para a permanência da apropriação do espaço através da arte e da cultura. A praça é um espaço de liberdade, sem normas ou sem regras, onde as pessoas estão livres para conversar, se conhecer, conviver, discutir, ensinar, aprender. Tal espaço é visivelmente o berço da diversidade cultural. Souza (2010) destaca que isso é mais notado em cidades de pequeno e médio porte, onde a praça ocupa um lugar privilegiado, de referência para a população local.

Como exemplo desse tipo de alteridade no uso da praça e sua influenciada dinâmica da expressão da cultura local, podemos levar em consideração a atual forma de utilização da Praça da Bandeira, localizada também, no centro de Santo Antônio de Jesus. Essa praça foi, por muito tempo, referência no que diz respeito a encontros, eventos e atividades artísticas. Hoje, sua utilização se resume a transbordo de passageiros do transporte alternativo que liga Santo Antônio de Jesus às cidades circunvizinhas. Além das vans e micro-ônibus, foram instaladas barracas e ambulantes. É preciso destacar, também, que nesta praça funciona a Biblioteca Municipal, tendo sua



utilidade comprometida, já que ocorre grande movimentação e barulho provocado pelos automóveis(transportes), passageiros e ambulantes neste local. Dessa forma, caracteriza-se uma perda de um importante espaço de interação e sociabilidade para a população local.

É preciso destacar que este trabalho foi iniciado no projeto/pesquisa de Iniciação Científica (FAPESB/UNEB), onde se pretendeu discutir a importância dos espaços públicos de Santo Antônio de Jesus/BA para a promoção, apoio, incentivo e manutenção das atividades artísticas e culturais locais, bem como para novas formas de viver e se apropriar do espaço urbano na contemporaneidade. Atualmente, tal pesquisa está em processo de aprofundamento no TCC (Trabalho de Conclusão do Curso) do curso Licenciatura em Geografia da UNEB DCH Campus V (Santo Antonio de Jesus/BA).

Para melhor fundamentação desta pesquisa, foram entrevistadas 40 pessoas, entre os meses de julho e agosto de 2015. Entre os entrevistados temos jovens, universitários e membros de coletivos artísticos, ambos, ligados ao ambiente cultural de Santo Antônio de Jesus. Há também entrevistas com moradores mais velhos do lugar, a fim de averiguar as modificações ocorridas nos espaços públicos da cidade. Contudo, por fins éticos os entrevistados não serão identificados.

Com a existência de duas universidades públicas na cidade: Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) -, se quantifica uma interessante e diversificada massa de jovens universitários, oriundos principalmente de cidades vizinhas. Nesse sentido, faz crescer a demanda por maiores opções de lazer e espaços de interatividade. Dessa forma, estes jovens também se constituíram em colaboradores para elucidação dos questionamentos desta pesquisa.

Acrescenta a esses jovens, a característica de principais frequentadores de bares e restaurantes na cidade. A abertura desses estabelecimentos tem se intensificado consideravelmente nos últimos anos, principalmente no centro e em bairros próximos às universidades. Em sua maioria, esses locais têm aprimorado suas opções de consumo,



principalmente, relevante a apresentações musicais. Nesse sentido, os donos desses estabelecimentos destacaram que foi necessário reorganizar seus espaços, a fim de agradar a nova clientela, bem como se preparar para o aumento em relação à concorrência.

Em sua maioria é o pessoal da UNEB e da UFRB que frequenta, mas também tem muitos jovens da cidade, que não são das faculdades. Agente teve que ampliar o bar e mudar o cardápio, colocamos também palco para os artista, temos música ao vivo as quintas e sábado (ENTREVISTADO 01, 2015).

Já para os jovens entrevistados, naturais de Santo Antônio de Jesus, destaca-se aqui o Centro Cultural como o maior fator negativo para a dinâmica cultural da cidade. Este espaço se encontra em processo oscilante de reforma e revitalização há quase 20 anos. Com condições físicas e arquitetônicas limitadas. É válido enfatizar que muitos coletivos artísticos locais, numa perspectiva reivindicatória, se organizavam e promoveram encontros e intervenções na área externa do Centro Cultural, como pode ser observados nas figuras 01 e 02. Em 2011, ano de maior intervenção de jovens e grupos artísticos da cidade, a prefeitura retomou o processo de reforma, mas até os dias atuais não foi finalizada.

Particpei de vários encontros na frente da casa da cultura, agente se reunia na área da frente, onde fica aberto, por que a parte de dentro fica fechada. Era uma forma de protesto sim, por tá há tanto tempo fechado e agente não ter onde fazer nossos encontros (ENTREVISTADO 02, 2015).

Figura 01: Apropriação/intervenção da área externa do Centro Cultural de Santo Antonio de Jesus por coletivos artísticos-culturais



Fonte: Lui Tinoco, 2016.

Reforçadamente, essa questão em torno do fechamento do centro cultural foi colocada quando perguntado sobre quais aspectos seriam empecilhos para a manifestação da cultura popular local, em sua maioria, os (as) jovens responderam que os principais fatores são: o fechamento do Centro Cultural; a falta de uma política cultural no município; a crescente oferta de bares noturnos; e a não existência de espaços públicos apropriados para tal finalidade. Tudo isso vem prejudicando, sobremaneira, as manifestações populares da cultura local.

Acredito que não ter um espaço físico para a expressão da cultura é o maior problema. O que me preocupa também é que as pessoas parecem não se importar, a não ser os artistas que sempre tá se organizando. O município não pensa políticas de apoio as formas lazer e cultura(Entrevistado 01, 2015).

Figura 02: Intervenção do Coletivo Zumbat –
Parte externa do Centro Cultural de Santo Antônio de Jesus – BA

V Simpósio
cidades
médias e pequenas
da Bahia



Fonte: Lui Tinoco, 2016.

A problemática em torno do Centro Cultural foi também recolocada pelos membros de coletivos artísticos da cidade que costumam fazer seus encontros nas praças, em especial, na Praça Renato Machado e na Praça Padre Matheus. Tais coletivos são, em sua maioria, grupos artísticos independentes: musicais, teatrais, literários, de dança e de artesanato que sempre se organizam coletivamente, mobilizando parte de jovens da cidade.

Além das praças, não consigo identificar outros espaços públicos de cultura e lazer. Ainda assim, não são todas as praças, mas as mais conhecidas e frequentadas como a Praça Renato Machado. Na verdade, existem manifestações culturais muito interessantes ocorrendo dentro da cidade, mas não possuem visibilidade, provavelmente pela falta de políticas específicas do município (Entrevistado 01, 2015).

Destaca-se aqui as importantes iniciativas de ocupação do espaço público por esses coletivos artísticos, que tem como objetivo, além (e conjuntamente) o fazer artístico, a transformação do panorama cultural da cidade, democratizando o acesso à produção cultural, valorizando a arte independente e a liberdade de expressão, e dessa forma, fazendo com que o povo tenha acesso livre à informação. Como observa



Gonçalves (2010), essa ocupação se dá através de grupos ou coletivos artísticos que tentam hoje recolocar duas questões que se imbricam: a renovação de formas de engajamento e de ação política e a renovação das formas de inserção da arte no contexto de dissolução das fronteiras entre arte e vida. A preocupação para eles(as) está também em buscar espaços que possam agir com mais autonomia e liberdade, e que venha consolidar os laços sociais, bem como construir o sentido de pertencimento de grupo.

No geral, percebe-se que as praças e espaços formais, como escolas e universidades, que também promovem, em alguns momentos, o acesso e a inclusão da cultura local, são os únicos e fundamentais espaços para a permanência e manutenção das atividades culturais, funcionando como referências de pontos de cultura na cidade. Importante destacar também que as últimas gestões do município pouco fomentaram iniciativas relacionadas às políticas culturais, principalmente para a participação da juventude local nessa perspectiva de inclusão na/para a cultura. Observa-se, no entanto, que as políticas de juventudes são, em grande frequência, pensadas restritamente para atingir à demanda do comércio e serviço local, vigorando apenas preparação para o mercado de trabalho.

Como eu gostaria que fosse nosso espaço de expressão da cultura? Eu gostaria que fosse organizado estruturalmente, diverso e envolvente. Além disso, gostaria que os municípios fossem proativos e se sentissem mais motivados para o engajamento nas ações na área da cultura, pois não estamos falando de assegurar uma forma cultural e sim da expressão diversidade cultural local (ENTREVISTADO 02, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que a permanência das práticas artísticas coletivas nas praças da cidade é essencial para assegurar o direito da expressão da cultural local. Fora que se



caracterizam por apropriação do espaço por meio de ações conjuntas e da movimentação social. Essas práticas tendem a proporcionar intervenções criativas e práticas de mobilização, além da ocupação do espaço urbano, em especial, contribuindo na significação do espaço público.

Dessa forma, afirma-se aqui o conceito de diversidade cultural ligado, indissociavelmente, à pluralidade, multiplicidade e variedade, ambos relacionados a toda complexidade de aspectos que nos envolve enquanto seres de convivência coletiva. O mais importante nesse sentido é entender que as práticas culturais de um lugar são diferenciadas em suas formas e vivências. E estas precisam ser expressadas e entendidas a partir de suas necessidades particulares, pois tais práticas é que vão definir os lugares de convivência na/da cidade, através da apropriação e uso dos espaços públicos. É preciso reconquistar a cidade, seus espaços públicos para todos!

REFERÊNCIAS

BUARQUE, Chico. **Roda Viva**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/45167/>. Acesso em: 10 Abr 2016.

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GONÇALVES, Fernando do Nascimento. **Poéticas políticas, políticas poéticas: comunicação e sociabilidade nos coletivos artísticos brasileiros**. Brasília: E-compós, 2005.

IBGE. **População de Santo Antonio de Jesus/BA**. Censo Demográfico 2010. Disponível: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?lang=&codmun=290730&search=bahia|santo-antonio-de-jesus|infograficos:-evolucao-populacional-e-piramide-etaria>. Acesso em: 26 Jun. 2015.



MELLO, Ruth Espínola Soriano; ZARDO, Julia Gama Bloomfield. **Cultura como vetor de desenvolvimento local**. Rio de Janeiro: Media, 2011.

SANTOS, Jose Luis dos. **O que é cultura?** 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SANTOS, Milton. **Espaço do Cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

SEMINÁRIO DESENVOLVER-SE COM ARTE. **Projeto Arte e Desenvolvimento Cultural Local**. Instituto Pólis. São Paulo. 19 e 20 de novembro de 1998.

SERPA, Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

SOBARZO, Oscar. **A produção do espaço público: da dominação à apropriação**. São Paulo, USP, 2006.

SOUZA, Rafael Oliveira. **A Praça Como Lugar Da Diversidade Cultural**. Mato Grosso: UNEMAT/Barra dos Bugres, 2010.

SOUZA, Ramon Andrade. **Uso e apropriação do espaço público na cidade de Santo Antônio de Jesus-BA: O caso da Praça Dr. Renato Machado**. Vitória da Conquista: UESB, 2011.

UNESCO. **Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/UNESCO-Organiza%C3%A7%C3%A3o-das-Na%C3%A7%C3%B5es-Unidas-para-a-Educa%C3%A7%C3%A3o-Ci%C3%A2ncia-e-Cultura/convencao-para-a-salvaguarda-do-patrimonio-imaterial.html> Acesso em: 15 de Jul. 2015.